



O que é a AESDA?
A Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente, é uma associação de carácter científico e cultural, que tem por objectivo o estudo, defesa e divulgação do meio ambiente em geral e espeleológico em particular, desenvolver a cooperação e solidariedade entre os seus associados e contribuir para o desenvolvimento da ciência.

Quem faz parte da associação?
Os órgãos sociais são compostos por 3 directores, 3 membros da Assembleia Geral e 3 membros do Conselho Fiscal. Estes 9 membros pertencentes aos órgãos, fazem parte do universo de 106 associados. Para além dos sócios, a AESDA mantém parcerias com o Instituto de Conservação da Natureza, o Instituto Português de Arqueologia, o Instituto de Investigação Científica Tropical e com o Núcleo Espeleológico da Costa Azul de Sesimbra.

Como poderão os jovens participar?
Basta comparecer nas nossas instalações, verificar se se integram nas actividades e no grupo, e posteriormente poderão inscrever-se como sócios.

Quais são as principais actividades que a AESDA desenvolve?
Realiza estudos e identificação do Cárcico Português, desenvolve actividades de Educação Ambiental com as escolas e escuteiros e dá formação aos seus associados através do desenvolvimento de actividades.

Contactos
AESDA, Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente;
Rua França Borges, 11
Apartado 20,
2564-909 Torres Vedras;
Telf. e fax: 261 316 874,
Tm: 917 111 840;
e-mail: aesda@netc.pt



associação de estudos subterrâneos e defesa do ambiente

Curiosidades:

- *Visita ao Laboratório Subterrâneo de França, em 1995.*
- *Reportagem para a RTP 2, acerca da gruta Arqueológica de Montejunto, em 1996.*
- *Participação no III Congresso de Espeleologia, em Lisboa, em Outubro de 1999.*
- *Organização, em parceria com o Sector da Juventude da Câmara Municipal de Torres Vedras, da Festa da Juventude 1999 e 2000.*
- *Um dos associados tirou um curso, em França, de Monitor de Espeleo-Socorro, na Federação Francesa de Espeleologia.*
- *Inseritos no Registo Nacional de Associações Juvenis, no Instituto de Promoção Ambiental, na Federação Nacional de Associações Juvenis, e na Confederação Portuguesa de Defesa do Ambiente.*

Breve história

A Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente, AESDA, nasceu há 8 anos, mais precisamente a 11 de Setembro de 1992. Os seus sócios fundadores são oriundos do Espeleo Clube de Torres Vedras. De início a AESDA contava apenas com cerca de 20 sócios, evoluindo nos primeiros 4 anos para cerca de 60, passando actualmente para 106 sócios existentes. Ainda na sua fase inicial, a AESDA ocupou o sótão de um dos seus sócios fundadores, até que passados 2 anos, a associação mudou-se para as actuais instalações. A formação foi feita com o objectivo próprio das actividades que pretendiam desenvolver, dado os seus fundadores trazerem consigo a experiência adquirida no Espeleo Clube de Torres Vedras. As suas actividades iniciais foram as do estudo Geológico e Arqueológico das minas Romanas

de Valongo. Na área da Biologia, realizaram-se recolhas biológicas a carraças de morcegos (Alcarina, Ixodidae). Em 1993 fez-se uma descoberta da Necrópole Neolítica de Monsanto, gruta na qual se tem vindo a desenvolver um trabalho contínuo em parceria, em termos Arqueológicos e de Topografia da Gruta, com o Instituto de Conservação da Natureza e com a Faculdade de Ciências de Lisboa. Com o Instituto de Investigação Científica Tropical, tem existido recolhas biológicas num determinado parâmetro de espécies Cavernícolas, relativas a espécies que se conhecem muito pouco, por forma a realizar um estudo.

Em 1995 publica-se a primeira revista, "Troggle", de carácter informativo e de divulgação das actividades levadas a cabo pela AESDA, tendo o segundo número saído em 1998. O terceiro, saiu durante o mês de Dezembro. I

Entrevista com o Presidente da Direcção da AESDA, Rui Fernando Luís, 22 anos, estudante de Engenharia Civil no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa

180°: - Quais têm sido os problemas com que a AESDA se tem deparado ao longo dos seus 8 anos de existência?

Rui Luís (RL): - O principal problema é o financeiro, não que estejamos na falência, mas penso ser um problema de todas as associações, relacionado com a metodologia da autarquia e das Instituições que nós financiam, como é o caso do IPJ, Ipamb e Governo Civil. A Câmara Municipal de Torres Vedras tinha 4000 contos para distribuir por projectos apresentados por 30 associações, o que faz com que calhe pouco a cada uma delas, mas mesmo assim fomos das associações que mais recebemos. Há que referir que mantemos um bom relacionamento com a autarquia, e de há 2, 3 anos para cá, a autarquia tem vindo a melhorar a este nível, dado ter-se podido apresentar projectos, o que antes não acontecia.

Um outro problema com que vivemos, é o relacionado com a sede. Esta foi cedida por um torreense e é provisória, não havendo assim possibilidade de realizar melhoramentos, não permitindo a possibilidade de moldar o espaço à vontade dos associados, tornando o espaço mais agradável.

Um problema desta associação é arranjar a melhor forma de cativar novos associados, atraí-los à associação e às suas actividades.

180°: - Como é que tem sido a participação dos jovens nas actividades levadas a cabo pela AESDA?

RL: - Sócios activos, dos 106 existentes, apenas 15 têm uma participação contínua. Temos cerca de 30% de associados femininos, e apenas duas é que têm uma participação activa.

180°: - Quais são as actividades que têm vindo a desenvolver e quais são as vossas perspectivas de futuro?

RL: - Actualmente encontramos-nos a preparar o Congresso Internacional do Brasil. Iremos também realizar actividades em Sesimbra na Gruta do Frade em colaboração com o Núcleo Espeleológico da Costa Azul e vamos continuar com a formação dos associados em topografia subterrânea. Estamos a tratar (15/11/00), da publicação da revista n.º3, realizando investigação e actividades específicas de fotografia.

A médio prazo pretendemos fazer o estudo, preservação e divulgação da gruta de Salir do Porto e acabar o estudo espeleológico da Maceira. A longo prazo pretendemos fazer um estudo a algumas grutas na Eslovénia, cujo local tem grutas verdadeiramente impressionantes. Em suma, a política da AESDA é muito específica a nível de actividades, dado que só se parte para a próxima, apenas e só quando a anterior estiver finalizada. I

Opinião

180° - A Mudança faz-se aqui??

180° - A Mudança faz-se aqui?, perguntei eu quando ouvi pela primeira vez falar desta expressão. Tens mesmo a certeza que é aqui? É mesmo aqui? Não pode ser, estás enganado. Em Torres Vedras não é de certeza - respondi eu convicto, e com razões para isso. Ora vejamos.

A A.E.S.D.A. fundada em 1992 recebeu, do Município, desde essa data até 1998 a módica quantia de uns imprescindíveis 20 mil escudos. Depois, nesse mesmo ano, no dia em que ia entregar a maquete do "Troggle", recebe a avultada maquia de 100 mil escudos para incluir o símbolo da Câmara na referida revista. Isto, porque depois de sucessivas tentativas para obter uma reunião com sua Excelência o Presidente da Câmara, só nesse dia ele, de início contra vontade, se dignou a ceder audiência.

Mas eis que, em 1999, surge a grande Mudança. Pela primeira vez avista-se alguma vontade política no que toca à atribuição de apoios. Foi criado e recebido com júbilo o Programa de Apoio a Associações Locais, o qual introduzia a novidade de, finalmente e de uma forma transparente, as associações poderem concorrer à atribuição de subsídios. Foi então atribuída a verba de 7251 contos para apoiar 29 Associações, cabendo à A.E.S.D.A. o extraordinário montante de 400 contos; vejam bem, isto é um acréscimo de 400% face ao último apoio... impressionante! É óbvio que, apesar de tudo, o dinheiro continuou a ser pouco, mas pelo menos via-se boa vontade, havia que ter esperança. Mas esta foi de pouca dura. O ano 2000 provocou um acordar brusco para a nossa dura realidade torreense: ao invés de aumentarem a verba a atribuir, acharam, possivelmente, que a do ano passado tinha sido muito elevada, resolvendo baixá-la 33%, pois incluíram também este ano Apoios específicos a Bandas de Música, Sociedades Filarmónicas e Orquestras. Enfim, 274 contos é o valor que a Câmara Municipal deu ao Plano de Actividades Anual da A.E.S.D.A., e este foi dos maiores subsídios atribuídos, imagine-se os restantes... ridículo! É incrível a mentalidade dos nossos autarcas que de uma forma despuorida atribuem esmoladas camufladas de apoios às Associações do Concelho.

Por tudo isto, só me resta dizer, 180° - A Mudança Devemos fazê-la aqui. I

Rui Mergulho, 30 anos, Presidente do Conselho Fiscal da A.E.S.D.A.

180° - A Mudança Faz-se Aqui! AESDA: Uma Resposta Necessária!

Entendeu o membro dos corpos directivos da AESDA, respondendo a um convite expresso do Sector da Juventude, participar com o texto aqui em cima.

O tempo, o modo e os seus termos requerem uma resposta, mesmo que em jeito telegráfico, para economia de tempo e de espaço.

1. O convite foi endereçado pelo Sector da Juventude ao Presidente da AESDA para colaboração na revista, explicitando, que "esta publicação pretende dar particular destaque às actividades desenvolvidas de e para os jovens" propondo que se "elabore um artigo de opinião sobre a associação".

Preferiu a AESDA em vez de falar de si com utilidade, mais comodamente, falar dos outros.

Pergunto, e sei a resposta, se além da Câmara Municipal e dos sócios, alguém, no Concelho de Torres Vedras, conhece a AESDA?

O texto da AESDA tem o sabor ácido das oportunidades perdidas!

2. Preocupa-se a AESDA exclusivamente com os subsídios. Mais, critica-os no âmbito do Sector da Juventude, a que nunca pediu apoio. Se se dá o acaso de o vereador ser o mesmo, tal não significa que as políticas de um e doutro não sejam diferentes. Caso contrário, obviamente, não existiriam dois sectores.

Anda, pois distraída a AESDA, nos seus alvos!

3. Reclama a AESDA porque "274 contos é o valor que a Câmara Municipal deu ao plano de actividades anual (em 2000) da AESDA". Está enganada, mais uma vez, a AESDA, porque aquilo que o Sector da Cultura atribuiu à AESDA foi um apoio para a execução de 3 das 7 acções que se candidatou. O Programa de Apoio às Associações contém áreas prioritárias, como a AESDA devia saber, nas quais não se integravam 4 das 7 acções que entendeu propôr.

A AESDA parece usar de pouco rigor, tanto na sua candidatura, como na sua crítica!

4. Desgosta-se a AESDA por, num ano, ter recebido "o extraordinário montante de 400 contos" (apesar de tudo 4 000\$00 / sócio, do erário público. Já agora que a AESDA se preocupa tanto, e tão exclusivamente, neste texto, com o "vil metal", sempre compararei que uma associação torriense com 10 000 sócios recebeu cerca de 800\$00 / sócio e direi, ainda, que a capitação do orçamento da Câmara ronda os 100\$00 por munícipe) e noutros incentivos financeiros no valor de "274 contos". Esta última candidatura é ilustrativa. A AESDA solicita à CMTV 1-100 000\$00 (quando sabe constar dos critérios que o limite máximo é de 500 000\$00!), declara participar com 1 121 966\$00 (quando os fundos próprios são exíguos) sem referir "outros apoios", como consta dos critérios que os valoriza, quaisquer incentivos da administração central, de "sponsorização" ou de parcerias.

Dificilmente encontrará a AESDA melhor exemplo do espírito de "subsídio-dependência"!

5. Rebelar-se a AESDA, a propósito de apoio financeiro a publicação, "receber a avultada maquia de 100 mil escudos para incluir o símbolo da Câmara".

Espero que a AESDA não peque por sobranceira, se como se sugere, esperar-se disso um acto de propaganda. É tão só um acto que sensatamente se generalizou, com um fundamento principal: tratando-se de dinheiros públicos, os cidadãos têm o direito de saber onde são aplicados (reparará, ainda a AESDA, que no caso do Sector da Cultura, se explicita, "Município de Torres Vedras", a entidade colectiva que a todos nós envolve, e não o órgão "Câmara Municipal"!).

6. Ainda a propósito da referida publicação que a AESDA estima em 1 010 000\$00 não posso deixar de lhes dizer que esta mesma "180° - A Mudança Faz-se Aqui!" custa quase metade e tem a participação da União Europeia a que nos candidatámos.

Temos, portanto, moral para exemplificar à AESDA com boas práticas.

Talvez não mudemos com a velocidade e com o grau que desejáramos e que os cidadãos e a generalidade das suas associações merecem.

Porém, creio estarem referenciados neste texto alguns exemplos de mudança.

Apetece dizer, falta que a AESDA mude também um bocadinho! I

Jorge Ralha